

LITERATURA INFANTOJUVENIL: A FABRICAÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DE UMA ESTÉTICA CAPILAR NEGRA

TATIANA CRISTINA UGOSKI RODRIGUES¹; BÁRBARA HEES GARRÉ²

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense – tatugoski13@gmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense – barbaragarre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa problematizar alguns ditos hegemônicos acerca da uma estética capilar negra que reverberam, especialmente, no espaço escolar e em algumas mídias. Para isso, pretende-se trabalhar a partir de aportes teóricos dos Estudos Foucaultianos articulados com os Estudos Culturais.

Assim, objetiva-se analisar alguns ditos e não-ditos que circulam na literatura infantojuvenil, direcionada às temáticas afro-brasileiras, atravessados por alguns artefatos midiáticos que subjetivam e ensinam modos de ser em algumas crianças negras para forma de constituir-se como sujeito na contemporaneidade.

Em consonância com as teorizações foucaultianas e o Estudos Culturais, a análise da literatura infantojuvenil fundamentada nessa perspectiva é direcionar nosso olhar a partir do micro. Não pretendemos com este estudo a desconstrução de verdades hegemônicas para construirmos outras universalidades ou desvelar discursividades; mas, sim, analisar a produtividade discursiva na fabricação de subjetividades dos corpos negros infantouvenis. Para isso, lançamos mão de algumas análises ou conceitos como ferramentas para entendermos a construção desses sujeitos a partir das *relações de poder* que os posicionam na contemporaneidade, *discursividades hegemônicas* presentes tanto na literatura quanto na mídia e, uma *vontade de saber* acerca do corpo negro que também disciplina através da estética capilar.

2. METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, faz necessário ressaltar que compreendemos a escola como uma instituição muito importante no processo de subjetivação e disciplinamento do sujeito na nossa contemporaneidade. Dessa forma, percebemos que um dos artefatos pedagógicos bastante utilizado nesse espaço é a literatura, pois além de ser bastante difundida na escola, também pode ser encontrada em outros espaços de acesso como em livrarias, revistarias, supermercados, entre outros. Logo, percebemos a literatura como uma importante pedagogia cultural bastante potente na produção de sujeitos no espaço escolar. Portanto, para que pudéssemos abrir o leque de discussões, foi necessário compreender que, no material empírico selecionado, há um discurso pedagógico acerca de uma estética capilar negra que fomenta/instiga a determinadas formas de viver na qual podemos perceber a expansão discursiva dessa temática nas mais diferentes mídias. Discursividades que ora parecem “desmistificar antigas verdades” produzidas secularmente, ora produzem/fabricam “novas verdades” acerca de um discurso que propõe uma aceitação de uma “estética natural” que

parece colocar o sujeito em uma outra posição nas relações de poder. Conforme argumentam Giroux e McLaren,

[...] existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum” (GIROUX; McLAREN, 1995, p. 144).

Portanto toma-se como *corpus* empírico oito livros infantojuvenis das quais quatro foram distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) em conjunto com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE): *As tranças de Bintou* de Sylviane A. Diouf (2010); *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém (2007); *Chico juba* de Gustavo Gaivota (2011); *O mundo no black power* de Tayó de Kiusam de Oliveira (2013). Assim como, outros quatro livros infantojuvenis que são amplamente comercializados e divulgados nas mídias e que versam sobre a temática da estética capilar negra desde a infância: *O Cabelo de Cora* de Ana Zarco Câmara (2013); *Dandara seus Cachos e Caracóis* de Maíra Suertegaray (2015); *Meu Crespo é de Rainha* de bell hooks¹ 2018; e *Amoras* de Emicida (2018). Da seleção do material, compreendemos que as quatro primeiras obras estão presentes nas instituições de ensino e continuam produzindo subjetividades, embora o PNBE tenha realizado a última distribuição em 2013. As quatro últimas foram escolhidas por entendermos que essas discursividades continuam se reverberando neste artefato, uma vez que continuam produzindo obras literárias com a temática da estética capilar negra.

No entanto, ainda que o material empírico seja direcionado à literatura infantojuvenil, compreende-se que os discursos acerca da estética capilar negra perpassam por todo o corpo social e circulam em várias mídias de forma bastante recorrente, constituindo uma produção discursiva que subjetiva os sujeitos e os incita a viver de um modo e não de outro. Buscamos analisar e compreender nas oito obras literárias modos de subjetivação do sujeito tanto no campo da discursividade como da visibilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos estudos em Michel Foucault, percebe-se com as análises parciais que o sujeito não pode ser dado como algo pronto, já pré-existente, mas num processo de construção, produzido por diversos tipos de saberes, atravessado pelas relações de poder e pelas relações que cada um estabelece consigo próprio.

Nessa mesma correnteza, a partir dos Estudos Culturais, busca-se analisar alguns objetos da produção cultural (literatura e artefatos midiáticos) de nossa sociedade, compreendendo suas práticas e seus discursos para entender alguns padrões de comportamento, no caso desse estudo, como são fabricados padrões estéticos capilares que são capazes de subjetivar modos comportamentais de um determinado grupo étnico infantil.

¹ Gloria Jean Watkins (Hopkinsville, 25 de setembro de 1952), mais conhecida pelo pseudônimo *bell hooks* (escrito em minúsculas), é uma autora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense. O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula, que desafia convenções linguísticas e acadêmicas, pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular, mas estar em permanente movimento.

A literatura infantojuvenil consitui-se como um potente artefato cultural no processo de subjetivação que é constantemente promovido e acionado pela escola. Assim, percebemos o caráter pedagógico da literatura infantil como modo de disciplinar e controlar os corpos infantis para uma docilização dos sujeitos. Desta forma, Zilberman entende que a aproximação entre a instituição escolar e o gênero literário infantil “não é fortuita”, uma vez que foram pedagogos e professores que produziram os primeiros textos escritos para crianças, marcando o intuito “educativo”. Logo, percebemos que não há um distanciamento da literatura infantil contemporânea do seu caráter pedagógico, muito pelo contrário, ela se atualiza através de um discurso pedagógico tão naturalizado que se torna praticamente imperceptível. Desta maneira, compreendemos a literatura como um conjunto de práticas discursivas que não são apenas modos de fabricação de discursos, mas que entendem o corpo como um conjunto das técnicas, das instituições, dos esquemas de comportamento, dos tipos de transmissão e de difusão, nas formas pedagógicas que, por sua vez, as reconduzem.

A partir desses conceitos, percebemos em nossas análises que parece haver algumas recorrências discursivas, como:

- 1) negação da estética capilar negra e a *busca para a dominação dos cabelos cacheados/crespos*;
- 2) *uma busca incessante de um saber sobre a história da África ou afro-brasileira* pelas personagens para compreender o formato do cabelo;
- 3) a *ancestralidade a partir da figura feminina* como uma voz autorizada sobre os saberes acerca da estética negra;
- 4) uma *valorização do cabelo* a partir das inúmeras possibilidades de penteados diferentes associados a uma vasta gama de adjetivação que parece se encadear com a visibilidade dos corpos negros nas historinhas;
- 5) a compreensão sobre a *diferença da estética capilar negra para uma aceitação*, buscando uma docilização tanto dos corpos negros quanto dos corpos caucasianos.

Assim, percebemos a presença de alguns conceitos foucaultianos potentes para as nossas análises, como; as relações de poder/saber agindo com bastante recorrência nas discursividades que potencializam de forma produtiva as posições de sujeito na sociedade; outro conceito bastante importante que parece reverberar nas histórias são o que Foucault nos apresenta como “os ditos e os não-ditos” que possibilitam a visibilidade da estética negra reforçadas discursivamente nessas literaturas; a subjetivação dos corpos para uma outra possibilidade discursiva, como uma aceitação de uma estética “diferente”, que escapa aos padrões estéticos vigentes, também aparecem de forma recorrente e bastante produtiva. Nessa correnteza, percebemos um disciplinamento pedagógico através da literatura que nos remete ao conceito foucaultiano em que a “disciplina é um princípio da produção do discurso” (FOUCAULT, 2014, p.34).

4. CONCLUSÕES

Percebemos que as construções discursivas, potencializadas no espaço escolar através da literatura infantojuvenil, compõem práticas sociais que se fazem presentes na vida cotidiana, bem como os artefatos midiáticos. Dessa forma, compreendemos que discussão sobre a construção de padrões estéticos negros sobre o cabelo ultrapassa os muros escola. É uma discussão sobre uma forte e potente questão cultural da atualidade. Portanto, nota-se a potência desse estudo, que pretende minimamente questionar alguns ditos hegemônicos de modo a estabelecer pequenas rupturas num processo social já estabelecido.

Processo este que busca, cada vez mais, a padronização no que tange um movimento de aceitação de determinados modos de ser de um corpo negro, estabelecendo linhas de força que enquadrem esses sujeitos no âmbito social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.; REGO, T. **Foucault pensa a educação. O diagnóstico do presente.** São Paulo: Segmento, 2014.

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007

DIOUF, S. **As tranças de Bintou.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: A arqueologia de uma paixão.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GAIVOTA, G. **Chico Juba.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha.** São Paulo: Boitatá, 2018.

OLIVEIRA, K. **O mundo no black power de Tayó.** São Paulo: Peirópolis, 2013.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & Educação.** 3 ed; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996.** Acessado em julho de 2018 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

MEC - **DIRETRIZES curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC, 2004. Acessado em maio de 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>